

MEIA VIDA DE V. S. NAIPAUL: O TEXTO LITERÁRIO ALÉM DO PRAZER ESTÉTICO

Silvana AREND¹

RESUMO

A relação do leitor com o texto literário pode ser analisada de muitas maneiras diferentes. Edgar Morin, Tzvetan Todorov e Regina Zilberman levantam importantes questões para buscarmos compreender toda a amplitude da literatura que, reconhecidamente, vai além do prazer estético. A obra *Meia vida*, de V. S. Naipaul é o ponto de partida para tentarmos entender as possíveis relações cognitivas estabelecidas entre o leitor e o texto literário.

Palavras-chave: leitor, literatura, prazer estético, cognição.

ABSTRACT

The relation between reader and literary text can be analyzed in many different ways. Edgar Morin, Tzvetan Todorov and Regina Zilberman raise important questions for us to try a better understanding of literature's broadness that goes beyond the aesthetic pleasure. The book "Half a Life", of V.S. Naipaul, is the starting point for our attempt to understand the possible cognitive relations between reader and literary text.

Keywords: reader, literature, aesthetic pleasure, cognition.

A cultura de um povo é um mecanismo que mantém a coesão desse povo enquanto grupo, sendo necessária para sua sobrevivência como tal. O sentimento de pertencer a um mundo, a um grupo, é o que chamamos de "identidade":

A identidade conforma-se a partir de experiências reais e significativas. Ela, identidade, enquanto sentimento de pertencimento é simbólica e abstrata, mas é originária de vivências, experiências e afetos concretos. Essas experiências cotidianas vão compondo um mosaico de imagens que se vinculam sempre a significados ampliados da identidade a ser construída. O que no universo da infância se constitui numa história pessoal, no adulto faz parte de seu universo cognitivo, de sua memória, que no caso da coletividade conforma a identidade social (WASSERMAN, 2001, p. 9).

Quando negamos nossa cultura, estamos negando nossa identidade e temos a ausência da chamada "sensação de pertencimento" que se caracteriza pelo sentimento de pertencermos a determinado lugar, ao mesmo tempo em que sentimos que esse determinado lugar também nos pertence. A idéia de pertencimento traz em si também a

¹ Mestre em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC.

existência da crença de que podemos e de que vale a pena interferir nos aspectos que constituem esse lugar, segundo Amaral (2006). Sendo assim, concordamos com Todorov quando esse diz que “a cultura é então um meio de organizar o mundo, torná-lo inteligível, e nos permite entrar em interação com ele e com os outros homens” (1999, p. 187).

A discussão em torno dos sentimentos de pertencimento e identificação cultural é um tema da atualidade à medida que, o que chamamos de ‘globalização’ tem reflexos sociológicos e psicológicos. Ser um “cidadão do mundo” pode ser a roupagem atual do nomadismo que levava nossos antepassados a migrar constantemente em busca de alimento ou melhores condições de sobrevivência. *Desculturação, desenraizamento, cosmopolitismo* são alguns termos que surgiram na literatura dos últimos tempos que tenta contemplar essas mudanças comportamentais do homem moderno, especialmente a partir da segunda metade do século XX quando as conseqüências da II Guerra Mundial trouxeram migrações em massa e fragmentação social, segundo Frochtengarten (2005). É neste contexto atual que se insere a obra literária que propomos analisar a seguir para nos aproximarmos da discussão sobre o convite que é feito ao leitor para viver experiências que vão além do cotidiano, através da literatura.

A crise de identidade do protagonista de “Meia vida” de V. S. Naipaul, Willie Somerset Chandram, nos é revelada já no início do romance por seu questionamento a respeito de seu segundo nome. Ainda um garoto na Índia, Willie pergunta ao pai o porquê do nome Somerset, que não é de origem indiana como toda sua família. Além desse nome não ter a mesma origem que o jovem, ele caracterizava um “empréstimo” de outra pessoa. Somerset era um escritor inglês que havia marcado a vida do pai. Inevitável estabelecermos relações entre alguns fatos dessa obra de ficção com o relato autobiográfico de Edward W. Said, que assim se expressa a respeito de seu primeiro nome ser emprestado de outra cultura:

Todas as famílias inventam seus pais e filhos, dão a cada um deles uma história, um caráter, um destino e até mesmo uma linguagem... Por conta disso, levei quase cinqüenta anos para me acostumar, ou, mais exatamente, para me sentir menos desconfortável, com “Edward”, um nome ridiculamente inglês atrelado à força ao sobrenome inequivocadamente árabe Said (SAID, 2004, p.19).

A explicação dada pelo pai ao filho na história de Naipaul é apenas o início de uma história sofrida que é revelada a Willie. O casamento de seus pais havia sido uma autopunição do pai e os próximos relatos não são em nada apaziguadores dos questionamentos do rapaz, além de não contribuírem positivamente para a dúvida de identidade do jovem Willie. O pai revela ainda como o primogênito foi gerado: sem querer. Willie nasceu de uma fraqueza do pai ao não conseguir cumprir seu voto de castidade. O pai confessou que rezava para que não fosse real aquela gestação e que o filho não nascesse com os traços da “atrasada”, como o pai refere-se à mãe do garoto. Dispara-se o gatilho para seus eternos questionamentos sobre sua identidade e seu pertencimento àquele grupo. “Eu desprezo o senhor” (NAIPAUL, 2002, p. 38). Esse é o sentimento que toma conta de Willie ao ter os detalhes de seu passado revelados. Willie despreza o pai, sente piedade por sua mãe e tem vergonha de sua vida. Mesmo jovem, suas inquietações e perturbações já representam um grande fardo.

Suas redações escolares formam o único canal de comunicação verdadeira com o pai. Esse descobre o que o filho pensa através delas, e são essas produções escritas que acabam levando Willie a Londres. Seu pai lhe consegue uma bolsa de estudos em uma cidade distante por perceber o filho como enfermo, odiando seu pai, e também a si mesmo. Essa mudança significa para o jovem a oportunidade de refazer sua identidade.

A primeira experiência migratória de Willie lhe põe em contato com os sentimentos de deslocamento, vergonha, insegurança e incerteza quanto ao futuro – nada que já não lhe fosse familiar em sua “meia vida” na Índia. Esses sentimentos são relatados também na vida real por Said:

Desde o momento em que me tornei consciente de mim mesmo como criança, achei impossível deixar de pensar em mim como alguém que tinha tanto um passado desabonador como um futuro imoral à espera; toda a percepção que tive de mim mesmo durante os anos de formação foi experimentada no tempo verbal presente, pois eu labutava furiosamente para não cair de volta num padrão já estabelecido e também para não cair em frente, na perdição garantida. Ser eu mesmo significava não apenas nunca estar totalmente certo mas também nunca me sentir à vontade, sempre esperando ser interrompido ou corrigido, ter minha privacidade invadida e minha insegura pessoa atacada (SAID, 2004, p. 41).

Depois de passar alguns anos no colégio londrino reaprendendo a comer, a cumprimentar as pessoas, a fechar portas, aprendendo uma nova cultura, uma nova identidade, a “meia vida” de Willie na Inglaterra é marcada novamente por “empréstimos”. O sexo ele conhece quando “toma emprestado” momentaneamente as namoradas de seus amigos. Sua aproximação de uma carreira literária acontece com o “empréstimo” de idéias – seus escritos partem sempre de idéias de outras pessoas ou de filmes de Hollywood e da trilogia russa de Máximo Gorky. Essa tentativa de carreira literária o aproxima de Ana, jovem de origem afro-portuguesa que se apaixona por Willie ao ler seu livro. Ana identifica-se com os relatos do jovem indiano por ver nele um “desenraizado” em Londres como ela. O rapaz sente-se pela primeira vez diante de alguém que o aceitava completamente. Sua identidade parece agora poder ser exposta ou descoberta por ele. É o bastante para que Willie parta com Ana para a África de língua portuguesa.

Sua segunda experiência migratória começa com sua preocupação em não esquecer o inglês, o idioma das suas histórias e seu elo com a terra natal, colônia inglesa. O estranhamento do idioma e da cultura local africana afasta qualquer possibilidade de sentimento de pertencer àquele lugar. Sobre a importância do aspecto do idioma sobre nossa identidade, Said diz que “cada pessoa vive sua vida em determinada língua; suas experiências, em função disso, são vividas, absorvidas e lembradas nessa língua” (SAID, 2004, p. 14).

A relutância de Willie em comunicar-se na língua portuguesa mostra-nos mais do que seu medo de esquecer sua primeira língua, e é mais uma demonstração de que o mesmo não se identifica com sua nova “meia vida” em Moçambique. Ainda assim, seus questionamentos sobre sua própria identidade não o impedem de passar 18 anos vivendo aquela vida que Ana lhe dera e, mais uma vez, Willie toma emprestado algo alheio ao viver a vida africana de Ana.

A nova realidade de Willie é marcada por ser ele “o homem que Ana trouxe de Londres” (NAIPAUL, 2002, p. 125), dando suporte à figura de patroa que Ana tem que representar diante de seus funcionários na fazenda em que vivem. Nada mais. Passou os anos sem questionar sua vida africana, só analisando a vida de outras pessoas que se tornaram seus amigos simplesmente por serem amigos de Ana, caracterizando, assim, mais um empréstimo a sua vida.

A divisão por classes e raças marca profundamente a vida na colônia portuguesa e Willie convive com esta realidade sem grandes questionamentos ou interferências, envolvendo-se sexualmente com jovens prostitutas africanas. Mais tarde, envolve-se

sexualmente, e também emocionalmente, com Graça, antiga amiga de Ana, e mulher do capataz de uma fazenda vizinha. Graça é o novo “empréstimo” de Willie.

Depois de um tempo de relacionamento, Graça sai da vida de Willie como um empréstimo que é devolvido ao legítimo dono. O capataz adoce e Graça passa a cuidar do marido, abandonando o amante. “Estava espantado comigo mesmo, espantando com a pessoa que eu me tornara” (NAIPAUL, 2002, p. 179). Willie reconhece mudanças, mas ainda não sabe quem ele realmente é. Após um acidente que o leva ao hospital, decide que, aos 41 anos de idade é hora de partir e diz a Ana que está cansado de viver a vida dela. Diz ainda que estava há muito tempo escondendo-se e vivendo uma vida que não é sua propriamente. Willie “devolve” a vida africana que Ana havia lhe emprestado e depois de uma separação serena, ele pensa em reconstruir sua vida e sua identidade na Alemanha, apoiando-se agora na força de outra mulher, sua irmã Sarojini, que vive em tal país e que o ajuda a migrar novamente.

Assim termina a obra. Com um enredo de vida ou de “meia vida” marcada por uma história familiar infeliz, migrações forçadas que desestabilizam seu sentimento de pertencimento e identidade com sua própria cultura, além dos constantes “empréstimos” tomados por Willie. O protagonista é um “desenraizado”, como Todorov auto define-se. Obviamente que este “desenraizamento” pode ser um fator enriquecedor e de crescimento para muitas pessoas, mas no caso de Willie, ele não se identifica com nenhuma das culturas de que se aproxima, talvez devido a não-identificação com sua própria família e história de vida, e passa toda sua vida sem se libertar de seus traumas do passado. Assim ele passa a não pertencer a nenhum lugar, à ninguém e torna-se um mosaico feito dos empréstimos tomados ao longo de sua vida. O protagonista descrito ricamente por Naipaul é notado como uma pessoa onde falta unidade e que nunca decide o que é, ou o que será.

Um aspecto fundamental que marca essa narrativa de V.S. Naipaul é o envolvimento bastante grande do leitor dessa obra com as experiências de vida do personagem Willie. As reconhecidas habilidades narrativas de Naipaul envolvem de maneira surpreendente o leitor da obra que imerge no cotidiano conturbado de Willie, e passa a compreender e compartilhar os mesmos sentimentos e incertezas vivenciados pelo deslocado jovem indiano. A partir dessa significativa troca entre leitor e obra, pergunta-se: seriam essas vivências e sentimentos encerrados no momento em que se fecham as páginas do livro? Ou pode-se pensar que um protagonista vive sentimentos universais, compartilhados por diversos outros homens e culturas e seria essa uma das grandes razões da antiga relação de amor entre o homem e o livro?

Consideramos que, ao conhecermos e vivenciarmos os mesmos sentimentos de um personagem, estamos também conhecendo, em parte, a alma de um indivíduo, e então surge um questionamento: além do prazer estético que proporcionou essa leitura, ela me proporcionou outro ganho? Conhecer a história de Willie, sua identidade conflituosa, foi importante cognitivamente de alguma maneira? Edgar Morin diz: “inclu-me dentre aqueles que pensam que as realidades imaginárias são extremamente importantes para conhecer o ser humano” (MORIN, 2002, p. 33).

Citando ainda Morin: “A literatura desempenha um papel fundamental e é necessário não se satisfazer apenas com as ciências... diz-se *homo sapiens*, dotado de razão, mas o homem é também delirante” (MORIN, 2002, p. 89). Sua argumentação a favor da literatura embasa-se também no fato de que, em nenhum outro lugar, somos ensinados a compreender uns aos outros. Para o autor, compreender o outro é compreender o ser humano como sujeito, com seus medos, virtudes e defeitos. Compreender o ser humano como sujeito é fazer um esforço de empatia ou de projeção. Para compreender não pode haver indiferença. Quanto mais se conhece do outro, mais se conhece de si mesmo e nossa essência humana é fortalecida. A interação com o texto literário seria, pois, um excelente exercício de conhecimento de si e do outro. Todorov compartilha

dessa mesma opinião ao expressar-se sobre as “culturas particulares” como ele denominou a literatura, a arte e a filosofia: “...encarnação da beleza, tornam o mundo melhor e, busca da verdade, permitem-nos conhecê-lo melhor” (TODOROV, 1999, p. 188).

Morin e Todorov discutem aspectos sociológicos envolvidos na relação do leitor com o texto de uma forma bastante inspiradora e, até mesmo, poética. Da mesma maneira, são muito importantes os estudos sobre essa relação leitor versus texto através dos estudos da “Estética da Recepção”. Ao definir a literatura como mecanismo capaz de afetar o destinatário emocional e cognitivamente, a Estética da Recepção inaugura uma nova perspectiva de estudos literários, segundo Zilberman (1989). Mas, afinal, para que serve a literatura? Os efeitos que a obra provoca sobre o leitor, que, é claro, também contribui com suas vivências pessoais e coletivas para dar vida à obra e dialogar com ela, é uma experiência complexa e fascinante que vem merecendo estudos de diversas áreas do conhecimento.

Reconhece-se que a literatura gera conhecimento, mas, estabelecer categoricamente quais conhecimentos são esses, como cada leitor reagirá cognitivamente diante desses conhecimentos, bem, esta é uma discussão ainda não encerrada e concluída. O que podemos atribuir como mérito a esse romance de Naipaul é o fato do leitor ser convidado constantemente à reflexão sobre o sentido da vida, sobre o que é uma vida ou uma “meia vida”. A idéia de incompletude e insuficiência são questionadoras à medida que são inerentes à natureza humana. E esse é o caráter social dessa obra literária, pois leva-nos a analisar, questionar, sentir novas realidades através dos personagens. Somos afastados da nossa própria realidade enquanto leitores para vivenciarmos a capacidade emancipatória de uma obra literária, e depois voltarmos à nossa realidade transformados, ou ao menos, tocados em algum aspecto.

Se ampliar o horizonte de expectativas do leitor, ou seja, seus códigos vigentes e suas experiências sociais prévias, é a função da literatura, e, se a emancipação do destinatário através de uma nova visão da realidade é a finalidade da arte, então “Meia vida” é literatura e arte, é ampliação e emancipação.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Lúcia Amaral. *Dicionário de Direitos Humanos*. Disponível em < <http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>> , 2006. Acesso em 20 mar 2007.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. *Memórias de vida, memórias de guerra*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- NAIPAUL, V. S. *Meia vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SAID, Edward W. *Fora do lugar: memórias*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- WASSERMAN, Claudia. Identidade: conceito, teoria e história. *Ágora*. Vol.7, n.2, jul-dez 2001, p. 7-19.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.